

UM DIPLOMATA ESPANHOL NA CORTE DE PEDRO II

Lídia Besouchet

Quase vinte anos antes que o conde de Gobineau desembarcasse no Rio de Janeiro para exercer o cargo de ministro da França, um outro diplomata europeu, o espanhol Juan Valera, chegava à corte de Pedro II.

Algumas analogias podem ser assinaladas entre eles. Ambos eram escritores ainda não consagrados em seus próprios países,¹ e ambos deixaram registrados os dissabores que um posto nos trópicos lhes acarretava. O calor — sempre o calor — as febres, a estreiteza da sociedade e o sistema social que imperava no Brasil são os temas principais das respectivas correspondências.

A população negra obscurecendo a paisagem lhes aparecia como causa determinante de todos os contratempos. Encaravam o posto diplomático no Brasil como uma provação, um castigo que a “*carrière*” impõe aos desprotegidos.

Gobineau deixara a Grécia. Valera deixara Nápoles. Ambos aspiravam a um lugar no Oriente ou em qualquer país de exotismo cultural profundo, a Turquia, o Egito, a Índia, a China... O orientalismo estava em moda entre os intelectuais europeus e eles vêm “*cair*” no Brasil...

O Brasil, sendo diferente de tudo que um europeu culto pudessem imaginar, desnorteia-os. O país não era suficientemente antigo, nem arcaico, nem exótico, nem pitoresco, nem culto. O Brasil era um pouco de tudo isso, mas na realidade estava-se caldeando: era na nacionalidade em vias-de-ser. Ademais, para eles, o Rio constituía o conjunto nacional, podendo generalizar todas as observações que fizessem. A correspondência de Gobineau ao barão Anton Prokesch-Osten, às irmãs gregas Dragoumin, à mme. de Gobineau, etc., enfeixa o que se designará mais tarde como “*cartas brasileiras*”.²

(1) Gobineau há havia publicado o famoso *Essai sur l'inégalité des races humaines*, mas sua circulação ficara restrita a uma área muito reduzida e Valera não escrevera sequer os dois romances que lhe iriam das consagração: *Pepita Jimenez* e *Juanita la Larga*.

(2) Mlle. Louise-Marie Concasty, publicando as *Lettres Brésiliennes*, em 1969 (edição, parisiense), resume bem a questão.

Quanto a Valera, data suas cartas de certas cidades por onde vai passar, Dresde, Paris, Lisboa, Moscou, mas, ao se referir ao Rio, escreve sempre "Cartas do Brasil".

O desconhecimento dos dois diplomatas europeus sobre o conjunto brasileiro é enorme e, se Gobineau somente sairá uma vez do Rio para acompanhar Pedro II numa viagem a Juiz de Fora, Valera não vai além de Petrópolis...

O paralelismo não termina aqui: ambos admiram, respeitam e se tornam amigos do Imperador, mas igualmente mantêm relações com um misterioso personagem que se chamava José Buschenthal.

Oriundo da Alsácia, Buschenthal tinha uma enorme cultura, um físico atraente e é amigo de figuras como Lord Palmerston, primeiro-ministro da Inglaterra durante quarenta anos; conquista a políticos, damas, cavalheiros, fidalgos e plebeus; desprende um magnetismo especial e irradia uma tal simpatia que o ministro Figueiro confessa "ter de usar óculos escuros para escapar à sua perspicácia".

Buschenthal vem para o Brasil aos 28 anos, filho de luteranos, e depois de acumular uma grande fortuna, acaba se casando com a filha natural de Pedro I e da baronesa de Sorocaba, Mariquita Pereira, educada na corte de Isabel II, da Espanha, e ele, então, recebe o tratamento de gentil-homem.

Juan Valera, escrevendo a seu amigo Estéban Calderón, refere-se a Buschenthal nos seguintes termos: "Hombre más socarrón, travieso, atrevido y redomado no lo he visto. Con sus aventuras se podrán llenar cuatro o cinco tomos de lectura ejemplar y agradable". E, em outra carta ao mesmo Calderón, confirma: "Indudablemente he hecho conocimiento con un ente singular tratando a Buschenthal. Yo le profeso cariño y he tenido la satisfacción de serle de alguna utilidad en las tempestades curialescas que le han suscitado por sus contratiempos financieros en este país".

Banqueiro, homem de negócios, empresário, Buschenthal estabelece relações com Mauá e transpassa-lhe diversos empreendimentos nos países do Rio da Prata. Torna-se útil à corte de Pedro II; organiza festas, frequenta os salões diplomáticos da Espanha, Inglaterra e França. Erudito, falando vários idiomas, preside cavalgatas, obsequia as senhoras e as crianças com brinquedos valiosos, vestindo-se sempre impecavelmente de branco, dos pés à cabeça, como indicava a elegância européia trasladada aos trópicos...

Enfim, não é curioso pensar que tal personagem pudesse servir de elo entre Valera, Gobineau, o Imperador e Mauá, no Brasil ?

Mas, retornemos às analogias anteriormente assinaladas: Gobineau e Valera chegam ao Rio aos 34 anos, com inquietações literárias e,

para dissipar o tédio, começam a freqüentar a biblioteca particular do Imperador. Ambos consideram Pedro II um caso extraordinário dentro da "imensa imbecilidade brasileira". Que faz um rei semelhante em um país tão mesquinho, se perguntam? Valera afirma que "não há no Brasil seis pessoas que hajam lido Eurípedes". Assombra-se também pela "inmorabilidade de estos pueblos primitivos".

Diante das gigantescas proporções americanas, o espanhol sente-se esmagado. Reclama contra a má alimentação, contra os mosquitos, contra os "bestiais brinquedos dos negros", até mesmo da "capoeira", e afirma: "Ellos (os escravos) se matan entre ellos. Viven desnudos e mal alimentados". Protesta pelas ruas mal calçadas e das distâncias enormes a percorrer.

Assinala, porém, que existe um núcleo "civilizado" com lojas luxuosas, francesas, vendendo perfumes e luvas "adquiridos às vezes por negras e mulatas". Destaca uma tal mme. Finet e freqüenta, como mais tarde Gobineau, o Teatro Lírico e o célebre "Alcazar". Escreve versos à cantora Rosina Stoltz, como mais tarde Gobineau o fará.

Embora reconheça a beleza e fertilidade da natureza brasileira, elogiando o Pão de Açúcar, o Corcovado, a beleza do mar, as misérias do exílio são mais fortes. Valera tem dor de estômago, mal-estar e reclama da "comida nauseabunda" servida por negras que empestam o ambiente com o bodum que ele chama de "chotum". Assusta-se das aranhas, das baratas, das lacraias, das cobras que povoam a legação espanhola (coisa que seu embaixador, vivendo há 35 anos no Brasil, jamais reclamou).

Afirma que aqui "todo mundo canta". As moças desafinando as melodias das óperas e as negras fazendo um barulho infernal. Os homens estão sempre ocupados em negócios e as mulheres são boçais.

Porém, malgrado a opinião que os dois diplomatas europeus dispensam ao Brasil, ambos se apaixonam por brasileiras: Gobineau por Aurea Ponso (a "Sinhazinha" de seus poemas) e Valera pela misteriosa "Maria", a quem dedica inúmeros versos. Tanto "Sinhazinha" como "Maria" eram mulheres casadas. No caso de Valera a coisa torna-se bastante clara, pelo quarteto quase cínico com que ele arremata um poema: "Nunca osaré quejar-me de la suerte / Ni de este amor se queja tu marido, / Aunque en tu alcoba le sorprenda y mire / Cual pajarillo revolando en torno".

Existe, contudo, uma diferença que cumpre aqui assinalar entre as duas correspondências: Gobineau se preocupa sempre, invariavelmente, em demonstrar cultura, afetar aristocráticas convivências entre a nobreza brasileira que ele "concede" freqüentar, e Valera escreve simplesmente, rudemente mesmo. É que Valera se corresponde com um amigo íntimo, escreve de homem a homem. Suas cartas são irônicas, críticas e até cruas de linguagem.

De Varnhagen, secretário do Instituto Histórico, Valera diz: "Ese señor pasa por un pozo de ciência: saque Ud. por el hilo el ovillo de las sabidurias brasileñas." Contrabalançando, ele se interessa por Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, compra um dicionário da língua brasileira editado em Lisboa e, no inverno, um pouco reconciliado com o clima tropical, louva as belezas do gigante de pedra, do Pico do Papagaio e da Serra dos Órgãos. E, afinal, cedendo à grandeza da paisagem brasileira, Valera escreve em 1851 um poema com acentos românticos, louvando a beleza tropical, poema que dez anos mais tarde publicará em Madrid, iniciando, assim, a carreira literária que o levará à Real Academia de Letras: "Playas de Niteroy dó caliente / El sol la tierra con fecundos rayos / Y brotan flores odorantes, ricas, / Y gigantescos árboles pomposos / De perenne verdura; Aquí la vida / Rompe, como los rios, caudalosa / Por los abiertos poros de la tierra / Y en el aire sereno se dilata. / Oro y diamantes en las rocas cria / Sua plástica virtual. Aquí la sangre / Hierve con el calor en nuestras venas".

Pedro II ignorou sempre as opiniões de Valera a respeito do Brasil. Fez-se seu amigo e em uma de suas viagens à Espanha foi recebido pelos intelectuais na Real Academia de Letras, saudado com vibrante discurso por Juan Valera.

(de *Cultura*, supl. de "O Estado de S. Paulo", 18-9-1983).